

A predominância do conceito semântico nas definições de gênero de alunos do ensino fundamental

Fabiana Poças BIONDO
Edson Carlos ROMUALDO
Geiva Carolina CALSA
Universidade Estadual de Maringá

Resumo: *O gênero gramatical é uma categoria nominal extremamente particular e complexa, responsável pela divisão, na língua portuguesa, dos nomes em masculinos e femininos. Partindo de um estudo maior, que busca averiguar como se dá o ensino do gênero no ensino fundamental, o presente trabalho pretende verificar os conceitos de gênero que os alunos possuem. A amostra da pesquisa conta com um total de dezesseis alunos – quatro de cada série investigada (2ª, 4ª, 6ª e 8ª séries) – oriundos de duas escolas públicas do município de Maringá/PR, aos quais foram aplicadas provas distintas e entrevistas individuais, a fim de analisar como o conceito de gênero gramatical vem sendo compreendido nessas séries. Os resultados obtidos revelam que em todas as séries há predominância, por parte dos alunos, do uso do conceito semântico em detrimento do gramatical. Este desempenho sugere a existência de confusão conceitual gênero/sexo neste grau de ensino.*
Palavras-chave: *educação; categoria de gênero; conceitos.*

INTRODUÇÃO

Um dos grandes problemas do ensino escolar atual, de acordo com Arnay (1999), consiste no fato de este encontrar-se afastado tanto do conhecimento cotidiano quanto do conhecimento científico. Isso significa dizer que não existe um movimento escolar no sentido de ativação de conceitos espontâneos dos alunos e sua modificação em conceitos científicos.

Coll (1998) assinala que um conceito é compreendido a partir do momento em que o indivíduo se torna capaz de explicá-lo e justificá-lo, integrando o novo conhecimento

aos seus esquemas prévios. Nesses esquemas enquadram-se os conhecimentos construídos informalmente pelo sujeito por meio de experiências particulares e cotidianas, ou seja, conceitos espontâneos. Por essa razão, é essencial para a aprendizagem de um conceito que o aluno ative e vincule seus conhecimentos prévios ao novo conteúdo a ser aprendido, processo no qual a escola pode exercer um papel fundamental.

Para Becker (2001), quanto maior o domínio de um conceito, maior a capacidade do sujeito em diferenciá-lo dos demais. Este processo é gradativo e depende de como o sujeito interage com o meio. Ao diferenciar os objetos de conhecimento, o indivíduo gradualmente torna-se capaz de estabelecer afirmações e negações sobre ele. O domínio de um conceito, portanto, permitiria ao aluno a distinção entre conceitos semelhantes, porém distintos. Estabelecer tais correspondências entre os conceitos é fundamental no processo de ensino-aprendizagem escolar.

Em contraposição a essa expectativa em relação ao ensino-aprendizagem, dados do SAEB – Sistema de Avaliação da Educação Básica (INEP, 2002) – vêm mostrando que nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática o desempenho dos alunos do ensino fundamental continua insatisfatório. Os resultados desses exames evidenciam dificuldades no processo de aquisição de conceitos que podem estar relacionadas ao processo de ensino do conteúdo ou na forma como os alunos estão aprendendo-os na escola. Essas dificuldades fazem com que os alunos se limitem a aprender informações literais e carentes de significado ao invés de aprenderem conceitos.

Em razão da importância do ensino de gramática para a aprendizagem da Língua Portuguesa, objetivamos, com este estudo, investigar como o conceito de gênero gramatical, nas palavras de Câmara Jr. (1980) um dos tópicos mais confusos da gramática normativa, vem sendo compreendido por alunos do ensino fundamental.

A APRENDIZAGEM DE CONCEITOS

No contexto da aprendizagem de conceitos, Coll et al. (1999) destacam a importância dos conhecimentos prévios dos indivíduos sobre os conteúdos que se dispõem a aprender na escola. Eles fazem parte de uma construção extremamente pessoal, e são elaborados a partir da vivência de cada indivíduo em seu dia-a-dia. Não costumam ser coerentes do ponto de vista científico, porém são muito úteis em relação aos fatos cotidianos. Além disso, os conhecimentos prévios são bastante estáveis, ou seja, resistem fortemente às mudanças promovidas tanto pela escola quanto fora dela, pois não buscam tanto a “verdade”, mas sim o saber prático (Coll, 1998; Mortimer, 1996).

Os conhecimentos espontâneos apresentam um caráter implícito contrastante com os conceitos explícitos da ciência. Embora em alguns casos eles sejam identificáveis por meio da linguagem escrita ou falada, na maioria dos casos mostram-se implícitos nas ações dos alunos. Para que os esquemas espontâneos sejam modificados e ampliem o campo conceitual dos aprendizes, é necessário, portanto, que estes esquemas sejam explicitados. Isto significa dizer que há uma necessidade de tomada de consciência, por parte dos alunos, das vantagens e limites desses esquemas quando aplicados nas diversas situações da realidade.

Coll (1998) postula que uma aprendizagem é tanto mais significativa quanto mais relações o aluno for capaz de estabelecer entre o que já conhece e o novo conteúdo que lhe é apresentado como objeto de aprendizagem, visto que os primeiros atuam como esquemas assimiladores do novo objeto de aprendizagem. Já para Miras (1999), os alunos podem apresentar conhecimentos prévios mais ou menos elaborados, coerentes ou pertinentes; o importante, para a autora, é que a escola seja capaz de mobilizá-los e explicitá-los para que os alunos possam integrá-los aos novos conteúdos.

Nesse contexto, a aprendizagem do conteúdo “gênero dos substantivos”, foco deste trabalho, deve ser realizada de forma tal que os conhecimentos espontâneos dos alunos a respeito do tema sejam considerados e trabalhados com vistas à tomada de consciência do conceito científico.

A CATEGORIA DE GÊNERO

A categoria de gênero destaca-se por sua complexidade e por, não raramente, ser pensada e trabalhada de maneira incoerente nas escolas. De modo geral, define-se por ser uma categoria nominal responsável pela divisão dos nomes em “classes”.

A retomada da categoria de gênero ao longo dos séculos, permite observar, de acordo com Biderman (1974), que as principais causas psico-sociais que teriam influenciado as atuais classificações de gênero seriam a distinção sexual entre os seres vivos e os diferentes níveis hierárquicos encontrados nas sociedades primitivas. Além da questão sexual, não podemos deixar de considerar as hierarquias e os valores entre os seres humanos, os seres místicos e os objetos do mundo real. Exemplo dessa representação, segundo a autora, é o uso do feminino como diminutivo, além, é claro, do fato de ser este um termo marcado, em oposição ao masculino, não-marcado. Tais elementos, apesar de não suprirem por si só a obscuridade das origens de tal categoria, são também um ponto de extrema relevância para o entendimento de sua confusão classificatória.

Em termos gerais, a sistematização absoluta dos critérios de classificação de gênero é uma impossibilidade, já que, como vimos, existem vários outros artifícios, além da questão sexual, que podem ser levados em consideração para a subdivisão dos gêneros em classes. Contudo, é certo que atualmente as classificações de gênero, na maioria dos casos, têm por base os critérios formalizados e arbitrários. Uma analogia que foge, portanto, à luz da lógica.

Apesar de a gênese e evolução da categoria de gênero envolver as diferenças de sexo, Câmara Jr. (1980) alega que elas não devem funcionar como um critério de classificação dos nomes, mas apenas como uma influência semântica. No entanto, o próprio autor admite que continua existindo uma tendência bastante forte, nas gramáticas escolares, em manter a relação do gênero gramatical com a noção semântica de sexo dos seres.

Na língua portuguesa os nomes estão agrupados em relação ao gênero, em conformidade com a dicotomia masculino/feminino, que se impõe de maneira tão forte, que, quando pensamos em um nome, ele vem com um gênero agregado. Entretanto, são encontradas algumas incoerências na maneira como tal categoria é abordada nas gramáticas normativas, nos livros didáticos e em diversas outras fontes. Isso se deve não somente à complexidade da categoria, mas principalmente porque as pessoas costumam associar semanticamente a categoria de gênero ao sexo dos seres, isto é, pensam no gênero por meio da diferença entre o sexo masculino e o feminino, o que acaba por criar uma confusão conceitual.

Câmara Jr. (1984) busca esclarecer essa confusão conceitual, lembrando que existe nos animais uma relação do gênero com o sexo, porém, mesmo com eles (os animais) essa idéia, com certeza, não é absoluta. Para confirmar a fragilidade da natureza do sexo em relação ao gênero gramatical, o autor apresenta vários argumentos. Primeiramente, chama a atenção para o fato de que o gênero se faz presente em todos os nomes substantivos portugueses, sem exceção, quer sejam seres providos de vida (passíveis então da distinção de sexo), quer sejam objetos e coisas (portanto sem vida), dos quais traz o exemplo dos substantivos casa, ponte, andaiá – femininos, e palácio, pente, sofá – masculinos.

Posteriormente, Câmara Jr. (1980, 1984a, 1984b) atenta para o fato de que mesmo em substantivos relacionados a

animais e pessoas encontramos, não raras vezes, essa “discrepância” entre gênero e sexo. Cita o substantivo testemunha, pertencente ao gênero feminino, mesmo quando se refere a pessoas do sexo masculino, e o substantivo cônjuge, exclusivamente do gênero masculino, independente de sua utilização por um ou outro sexo. O mesmo acontece com os nomes de animais ditos epícenos, como a cobra, o tigre ou o jacaré, que possuem apenas um gênero, quer designem animais de sexo feminino ou masculino. É comum acrescentar-se a nomes que se referem a esses animais as palavras “macho” e “fêmea”, conforme indiquem animais do sexo masculino ou feminino. Todavia, essa distinção diz respeito apenas à natureza sexual dos animais, e não a uma flexão de gênero.

Logo, é necessário que tenhamos clara a idéia de que é importante distinguir o gênero gramatical da noção semântica de sexo dos seres. Biderman (1979) nos lembra que a evolução do campo semântico do latim às línguas românicas teria marcado a independência do social e do lingüístico. O sexo não é, portanto, um critério sistemático de classificação do gênero, pois esta se dá, na maioria dos casos, através de regras formais, muitas vezes arbitrárias, ou à luz da analogia.

Compreender a distinção conceitual entre as noções gramatical e sexual da categoria de gênero pode facilitar sua aprendizagem, pois, como afirma Câmara Jr. (2000, p.62), “Desde que deixemos de considerar a categoria de gênero como umbilicalmente ligada à de sexo, introduzimos enorme simplificação na sua apreciação em português”.

DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Com o objetivo de verificarmos a permanência ou a modificação do conceito de gênero ao longo do ensino fundamental, nosso estudo foi realizado com uma mostra de 16 alunos – quatro de cada série de final de ciclo – 2^a, 4^a,

6^a e 8^a séries, oriundos de duas escolas públicas do município de Maringá, PR. A amostra foi composta por alunos indicados e considerados com desempenho médio em Língua Portuguesa pelos professores das classes. Para a coleta de dados, aplicamos provas com o mesmo conteúdo, porém adaptadas ao nível de escolaridade cada série; e fizemos entrevistas individuais envolvendo perguntas a respeito dos conceitos utilizados para a realização da prova.

O processo de coleta de dados foi dividido em dois momentos: primeiramente aplicamos uma prova (prova 1), contendo algumas palavras, que deveriam ser classificadas em duas colunas (masculino e feminino), de acordo com o gênero gramatical. Após a classificação solicitamos aos alunos a explicação e a justificativa de suas escolhas. Posteriormente, aplicamos uma outra prova (prova 2), na qual os alunos deveriam identificar o sexo dos seres aos quais as palavras apresentadas remetiam. Mais uma vez, após a classificação, realizamos uma entrevista individual para a explicação e a justificativa das respostas pelos alunos envolvidos.

À primeira etapa da pesquisa (prova e entrevista 1) denominamos Exame 1, enquanto o segundo momento (prova e entrevista 2) chamamos de Exame 2. Embora em nossa pesquisa tenhamos coletado dados referentes a alunos, professores e livros didáticos, neste artigo apresentamos apenas os resultados obtidos nas provas e entrevistas realizadas com os alunos no Exame 1 (identificação do gênero gramatical) e no Exame 2 (identificação do sexo dos seres).

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Exame 1 – Gênero gramatical

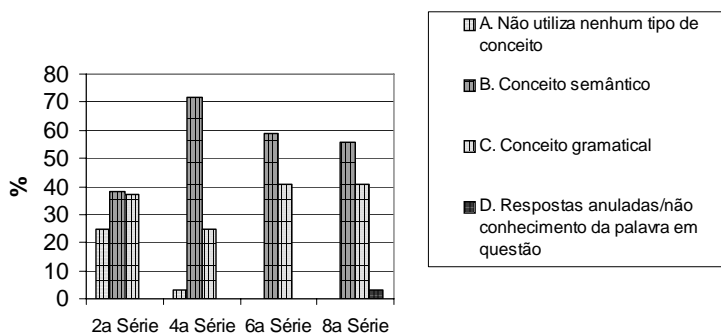
De acordo com as respostas obtidas por meio das provas escritas a respeito de gênero gramatical e das entre-

vistas individuais, estabelecemos categorias de respostas condizentes com o tipo de conceito utilizado. As respostas foram por nós organizadas em quatro categorias: a) aquelas que não demonstravam a utilização de nenhum tipo de conceito, b) as que demonstravam a utilização de conceito semântico, c) as que deixavam explícita a utilização de conceito gramatical e d) as respostas que demonstravam desconhecimento/não-resolução da questão.

No Exame 1, nas respostas obtidas por meio da prova escrita e da entrevista individual sobre gênero gramatical, não ocorreram respostas anuladas ou que evidenciassem desconhecimento da palavra em questão, com exceção de 3% (um aluno) da 2ª série. Em sua maioria, os alunos utilizaram-se de algum tipo de conceito para responder às questões propostas, fosse ele gramatical ou semântico, e somente 25% (8) dos alunos de 2ª série e 3% (1) dos alunos de 4ª série deixaram de usá-los (Gráfico 1).

Os dados revelam que os alunos de todas as séries investigadas utilizaram com maior frequência seus conceitos semânticos para responder às provas e entrevistas, relegando o conceito gramatical a um segundo plano. Essa diferença se fez mais marcada entre os alunos de 4ª série, correspondendo a um total de 72% (23) das respostas obtidas, respectivamente.

Gráfico 1: Resultados das provas e entrevistas do Exame 1.



Entre os alunos de 2^a série, a utilização dos dois tipos de conceito pode ser considerada um desempenho esperado e não parece constituir confusão conceitual. Ao utilizarem o conceito semântico para responderem às questões de gênero gramatical e justificarem suas respostas, estes alunos valeram-se de seus conceitos prévios a respeito do conteúdo.

Nesse período, o aluno ainda está construindo as diferenças, as semelhanças e as relações existentes entre idéias, noções e objetos, e se encontra em um intenso processo de levantamento de hipóteses sobre o mundo físico, social e cultural que o rodeia. Ademais, pelo fato de não ter ainda sido submetido ao ensino formal do conteúdo em tela, não possui subsídios necessários e/ou suficientes para a diferenciação do conceito de gênero gramatical em relação ao conceito de sexo dos seres. Podemos afirmar que muitos desses alunos estão iniciando o processo de levantamento de hipóteses sobre o gênero das palavras – caso dos que usam o conceito semântico e dos que não utilizam nenhum tipo de conceito.

A grande incidência de respostas envolvendo o uso de conceito semântico para a identificação do gênero gramatical sugere confusão conceitual em três das séries investigadas (4^a, 6^a e 8^a séries). Consideramos esses resultados conseqüência de uma confusão conceitual pelo fato de os alunos, a partir da 4^a série, já terem aprendido formalmente a conceituação e a utilização do gênero gramatical. Em tese, o ensino formal desse conteúdo forneceria aos alunos condições para diferenciar o conceito de gênero gramatical e o de sexo dos seres. No entanto, apesar da escolarização, as respostas dos alunos reproduzem a confusão conceitual inerente à classificação de gênero, enfatizada anteriormente por Câmara Jr. (1980, 1984, 2000).

Por outro lado, os dados sugerem a permanência ao longo dos oito anos de escolarização do ensino fundamental dos conceitos alternativos desses alunos, uma vez que continuam relacionando o gênero gramatical ao sexo dos seres.

Os alunos de 4^a, 6^a e 8^a séries, principalmente os das duas séries mais avançadas – que foram submetidos a um ensino mais sistematizado e normativo do conceito gramatical de gênero – parecem não ter se beneficiado do processo de escolarização. Esses resultados confirmam em parte dados do SAEB (INEP, 2002; 2004), segundo os quais, os alunos do ensino fundamental continuam apresentando, na última década, desempenho em Língua Portuguesa bastante abaixo do esperado para sua faixa etária e grau de escolaridade.

Para alguns alunos, os conhecimentos formais funcionariam como “modelos pré-existentes à reflexão dos indivíduos, dificultando e, até mesmo, impedindo a resolução adequada das tarefas de análise sintática” (Miras, 1999, p.64). Relacionando esses estudos às respostas emitidas pelos alunos de 4^a, 6^a e 8^a séries em relação ao conceito de gênero, podemos levantar a hipótese de que também nesse caso o conhecimento escolar pode estar impedindo ou dificultando a construção adequada do conceito de gênero gramatical.

Essas considerações se tornam mais perceptíveis na comparação do uso do conceito semântico nas séries do primeiro e último ciclo do ensino fundamental – 2^a e 8^a (Gráfico 1). No decorrer do processo escolar, praticamente não houve evolução no que diz respeito à utilização do conceito gramatical. Considerando que a 2^a série apresentou um percentual de 37,5% (12) de uso do conceito gramatical e a 8^a série, 41% (13), constatamos um crescimento de apenas 4% no uso desse tipo de conceito. Esse baixo crescimento sugere a inexistência de progresso na construção do conceito de gênero gramatical dos vocábulos mesmo após os alunos terem freqüentado todas as séries do ensino fundamental.

Por outro lado, focalizando a utilização do conceito semântico, temos um percentual de 62,5% (20) de utilização na 2^a série e 56% (18) na 8^a série, demonstrando uma diminuição de apenas 7% entre as duas séries. O frágil

crescimento no uso do conceito gramatical acompanhado do pequeno decréscimo no uso de conceitos semânticos, facilita a hipótese de que não houve progresso do conhecimento gramatical no decorrer do processo de escolarização.

Exame 2 – Sexo dos seres

Para a análise dos dados do Exame 2, que buscou verificar a relação entre conceito de gênero e sexo dos seres, organizamos quatro categorias de respostas: a) aquelas que não demonstraram a utilização de nenhum tipo de conceito; b) as que demonstraram a utilização de conceito semântico; c) as que deixaram explícita a utilização de conceito gramatical; d) as respostas que demonstraram desconhecimento/não-resolução da questão.

Nesse exame (Gráfico 2), não ocorreram respostas nulas ou que demonstrassem desconhecimento dos alunos em relação às palavras fornecidas pela pesquisadora. O primeiro exame (Exame 1) apresentou 3% (1) desse tipo ocorrência, percentual que, apesar de pouco significativo, sugere maior dificuldade, por parte dos alunos, na realização dessa prova.

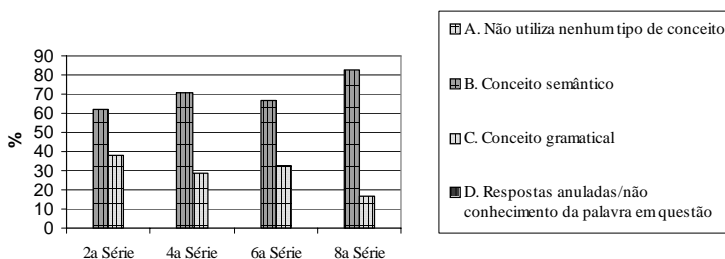
Com relação ao uso do conceito semântico e gramatical, podemos verificar certa diferença entre o primeiro e o segundo exame, especialmente nas respostas dos alunos de 6^a e 8^a série. No segundo exame, se comparado ao primeiro, as categorias de respostas demonstraram redução do conceito gramatical e aumento do semântico. O crescimento na utilização do conceito semântico – embora observado em apenas duas das séries investigadas (6^a e 8^a séries) – constituiu-se a conduta esperada para o Exame 2, uma vez que nessa prova abordamos uma noção semântica (sexo dos seres), e não mais uma noção gramatical (gênero), como no Exame 1.

A 4^a série, ao contrário dessas duas séries, demonstrou um pequeno aumento, em relação ao primeiro exame, no uso do conceito gramatical, enquanto a 2^a série manteve a

freqüência de utilização desse tipo de conceito nos dois exames. A manutenção do uso de conceito gramatical na 2ª série, no entanto, foi acompanhada de aumento da quantidade de respostas semânticas decorrentes da redução de respostas nas quais os alunos deixaram de utilizar algum tipo de conceito.

O pequeno aumento no número de respostas dos alunos de 4ª série que utilizaram conceitos gramaticais reforça a hipótese de confusão conceitual desses alunos em relação ao conceito de gênero e sexo. Nesse segundo exame, esperávamos uma resposta que explicitasse o conceito semântico, e não o gramatical, o qual, por sua vez, deveria prevalecer no primeiro exame.

Gráfico 2: Resultados das provas e entrevistas do Exame 2.



Se comparados os desempenhos dos alunos das quatro séries investigadas, verificamos que, no decorrer do processo escolar, praticamente não houve modificação no uso do conceito semântico em relação ao sexo dos seres. Considerando que a 2ª série apresentou um percentual de 62% (15) de utilização desse tipo de conceito e comparando-os aos 83% (20) apresentados pela 8ª série, temos um crescimento de apenas 21%. Esse baixo crescimento sugere inexistência de progresso na construção do conceito de gênero e manutenção da confusão conceitual entre gênero gramatical e sexo dos seres, mesmo após os alunos terem freqüentado todas as séries do ensino fundamental.

Esses resultados confirmam a tendência de associação semântica entre a categoria de gênero e o sexo dos seres ressaltada por Câmara Jr. (1980). Isto significa pensar no gênero gramatical por meio da diferença entre o sexo masculino e o sexo feminino, causando confusão conceitual.

Em relação ao uso do conceito gramatical para definir o sexo dos seres, encontramos 38% (9) na 2ª série e 17% (4) na 8ª série, demonstrando uma diminuição de apenas 24% (6). Esse pequeno decréscimo sugere, mais uma vez, que os alunos não construíram adequadamente os significados relativos ao conceito de gênero, não podendo, dessa forma, diferenciar o gênero natural do gênero gramatical. Tais dados facilitam a hipótese de que as características do processo de ensino desse conteúdo na escola não têm favorecido essa distinção.

Calsa (2004, p.6), preconiza que os conceitos possuem caráter de transformação, “modificam-se ao longo da vida dos sujeitos e formam-se contínua e gradativamente a partir das experiências e vivências realizadas dentro e fora do ambiente escolar”. Sendo assim, seria esperado que o aluno, no decorrer do ensino fundamental, modificasse seus conceitos prévios, ampliando sua rede conceitual.

O processo de reflexão e tomada de consciência, em tese, permitiria aos alunos não somente realizar suas tarefas, mas também explicá-las e justificá-las. Oliveira (1999) pondera que situações de interação que permitem realizar metacognição, ou seja, refletir e explicitar conceitos “organizadamente”, favorecem o desempenho dos indivíduos, mesmo os não escolarizados. Já Travaglia (1996) apregoa que o ensino de gramática deve envolver a atividade de reflexão do aluno, do pensar sobre o que pensa e faz, permitindo a ele ir além da utilização de modelos pré-existentes e convencionais na resolução de atividades. No entanto, no que diz respeito à categoria de gênero, o maior uso de conceito semântico em detrimento de conceito gramatical nos dois exames da pesquisa indica que essa tese não

vem se concretizando no ensino escolar, pois os alunos não refletem sobre suas atividades, não conseguem explicá-las, nem justificar suas respostas de maneira conceitualmente coerente.

PERCENTUAL DE ACERTOS E ERROS

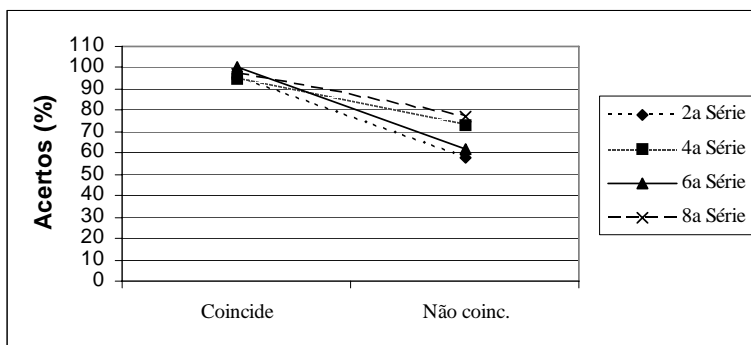
Prova 1 – prova escrita individual sobre o gênero gramatical

Considerando que a confusão conceitual estabelecida em torno da categoria de gênero decorre principalmente do fato de muitas vezes ela ser pensada através de uma íntima relação com o sexo dos seres (Câmara Jr., 1980, 1982, 2000), consideramos oportuno verificar a influência desta variável no número de acertos e erros emitidos pelos alunos pesquisados.

De acordo com as respostas dos alunos (Gráfico 3), nos substantivos que apresentam coincidência entre gênero gramatical e gênero biológico o percentual de acertos, em todas as séries investigadas, foi mais alto do que naqueles que não possuem essa identidade. Esse resultado reforça os discutidos anteriormente a respeito da frequência de utilização de conceito gramatical e/ou semântico: em sua maioria, os alunos utilizaram conceitos semânticos em detrimento do gramatical, reforçando a hipótese de que os conceitos alternativos estariam persistindo em detrimento do conhecimento formalizado oferecido pela escola.

Considerando que a 2ª série obteve um percentual total de acertos¹ de 76,7%, podemos observar que, analisadas separadamente, há diferença de resultados entre os dois tipos de palavras pesquisadas. Nas palavras em que há coincidência de gênero gramatical e sexo dos seres, o percentual de acertos foi de 95,8%, enquanto naquelas nas quais não há esta coincidência o percentual de acertos foi de apenas 57,5%.

Gráfico 3: Percentual de acertos e erros em palavras nas quais há e nas quais não há coincidência entre gênero gramatical e gênero biológico



Essa diferença de conduta foi observada em todas as séries investigadas. A 4ª série apresentou 83,8% de acertos, 94,4% no primeiro tipo de palavra (as que coincidem gênero gramatical e gênero biológico) e 73,3%, no segundo (as que não coincidem). A 6ª série obteve 80,8% de acertos, 100% nas palavras do primeiro tipo e 61,7% nas do segundo. Na 8ª série, que obteve 86,9% de acertos, 97,2% foram observados nas palavras em que havia coincidência entre gênero e sexo e 76,7% nas quais não havia. A 2ª série apresentou diferença de 38,3% entre o percentual de acertos das palavras em que havia coincidência daquelas em que não havia coincidência entre gênero gramatical e gênero biológico. Na 4ª série essa diferença foi de 21,1%, na 6ª série de 38,23% e na 8ª série de 20,5%.

Conforme esses resultados, as séries que apresentam maior diferença entre esses dois tipos de palavras são justamente as séries nas quais o percentual de acertos foi menor (2ª e 6ª séries), o que vem reforçar a hipótese de que a influência semântica constituiu-se uma variável importante

¹ Esse percentual de acertos inclui palavras nas quais ocorre coincidência e não coincidência entre gênero gramatical e gênero biológico.

nas classificações dos alunos. A 2ª série apresentou índice elevado de erros (42,5%) nas palavras em que não havia coincidência entre gênero gramatical e gênero biológico, resultado que se aproxima dos dados obtidos nos Exames 1 e 2. O elevado percentual de utilização de conceito semântico na Prova 1 (62,5%) e de conceito gramatical na Prova 2 (38%) deixam evidente que esses alunos ainda estão em processo de construção conceitual, não podendo ainda diferenciar claramente os conceitos de gênero gramatical e gênero biológico.

Prova 2 – Prova escrita individual sobre o sexo dos seres

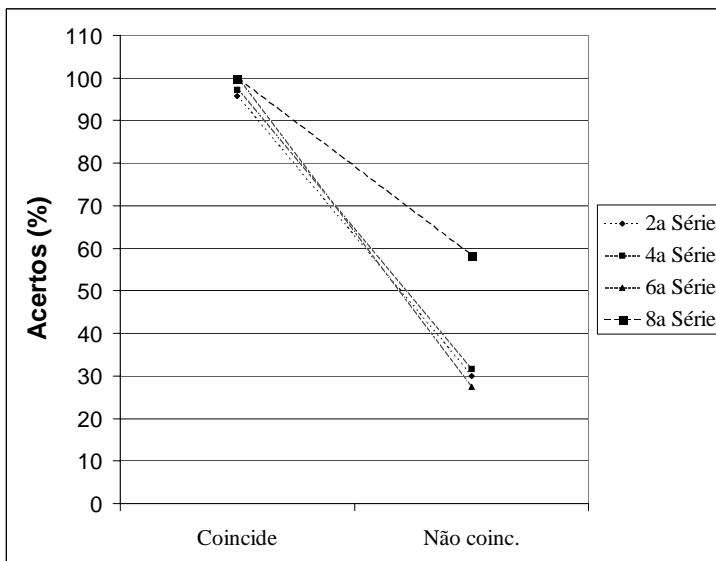
Nas provas sobre o sexo dos seres, os resultados obtidos por meio das respostas dos alunos, em todas as séries investigadas, mostraram que o percentual de acertos foi mais elevado nos substantivos que apresentavam coincidência entre gênero gramatical e gênero biológico do que naqueles que não a apresentavam. Esses resultados reforçam mais uma vez os observados na utilização de conceito gramatical e/ou semântico, resultados esses que evidenciaram a confusão comumente estabelecida em torno do tema gênero. Os resultados do Exame 2 deixaram claro que os alunos utilizaram conceito gramatical (38%, 29%, 33% e 17%, respectivamente) para responder às questões que envolviam o tema sexo dos seres, uma noção semântica, e não gramatical (Gráfico 4).

A 2ª série apresentou 62,9% de acertos,² 95,8% nas palavras em que havia coincidência de gênero gramatical e sexo dos seres, e 30% nas quais não havia essa coincidência. Essa diferença foi também observada nas demais séries: a 4ª série obteve 64,4% de acertos, desses 97,2% no primeiro tipo de palavra (as que coincidem gênero gramatical e gênero

² Este percentual inclui palavras nas quais ocorre coincidência e não coincidência entre gênero gramatical e gênero biológico.

biológico) e 31,7% no segundo (as que não coincidiam); a 6ª série 63,75% de acertos, 100% nas palavras do primeiro tipo e apenas 27,5% nas do segundo; na 8ª série 79,15% de acertos, 100% nas palavras nas quais havia coincidência entre gênero e sexo e 58,3% nas quais não havia.

Gráfico 4: Frequência de acertos nos substantivos em que havia ou não coincidência entre gênero gramatical e gênero biológico.



A diferença entre o percentual de acertos das palavras em que havia coincidência e aquelas em que não havia coincidência entre gênero gramatical e gênero biológico foi de 65,8% na 2ª série, de 65,5% na 4ª série, de 72,5% na 6ª série e de 41,7% na 8ª série. De acordo com os dados, a série que apresentou maior diferença de acertos entre os dois tipos de palavras foi a 6ª série. A 8ª série apresentou a menor diferença e, conseqüentemente, o menor percentual de erros nas palavras em que não havia identidade entre gênero gramatical e gênero biológico. Esse resultado sugere uma

diferenciação mais adequada dos dois tipos de conceitos e se distancia do desempenho apresentado por esses alunos nos Exames 1 e 2 (referentes ao uso de conceito gramatical e/ou semântico).

A 2ª série e a 6ª série, no entanto, apresentaram índice elevado de erros (70% e 72,5%, respectivamente) nas palavras em que não havia coincidência entre gênero gramatical e gênero biológico, resultado que se aproxima dos dados obtidos nos Exames 1 e 2 (referentes ao uso de conceito gramatical e/ou semântico). A grande incidência de utilização de conceito semântico na Prova 1 (37,5% na 2ª série e 59% na 6ª série) e de conceito gramatical na Prova 2 (38% na 2ª série e 33% na 6ª série) evidencia que esses alunos ainda estavam em processo de construção conceitual, não podendo ainda diferenciar claramente os conceitos de gênero gramatical e gênero biológico.

Ao perguntar aos alunos o porquê de classificarem as palavras solicitadas como sendo do gênero gramatical masculino ou feminino, obtivemos respostas do tipo:

E.1: Porque tem criança... assim, que é menina, que usa sainha, essas coisas. E criança que é homem, que usa short assim, que é do sexo, os homens são do sexo masculino, as meninas são do sexo feminino.

E.2: Porque na maioria das vezes a gente fala a flauta [...] eu acho que ela ta no gênero feminino [...] não só as mulheres que gostam, os homens gostam e também as mulheres, mas eu acho a flauta mais feminino, assim, tem jeito de mulher.

Respostas como estas (Exemplos 1 e 2) evidenciaram a existência de pré-conceitos sobre o conceito de gênero gramatical, existência esta marcada pelo uso do conceito semântico em detrimento do conceito gramatical, uso comumente relacionado à noção semântica de sexo dos seres.

CONCLUSÕES

Nas últimas décadas, vários estudos têm procurado explicar o que é conceito, como se aprendem conceitos e como os conceitos aprendidos podem ser modificados. Esses estudos indicam que os conceitos modificam-se ao longo da vida dos indivíduos e formam-se contínua e gradativamente a partir das experiências e vivências realizadas dentro e fora do ambiente escolar. Entre esses conceitos, os construídos informalmente pelos indivíduos e nem sempre coincidentes com os conteúdos escolares – os conhecimentos prévios – são extremamente resistentes à modificação. Apesar disso, se por um lado evidências teóricas e empíricas têm demonstrado a possibilidade de modificação conceitual por parte dos indivíduos, por outro lado, outros estudos têm evidenciado a inexistência ou a pobreza deste processo na instituição escolar.

Ao investigar os conceitos de gênero constatamos que os alunos de todas as séries investigadas utilizaram com maior frequência conceitos semânticos para identificar o gênero das palavras, relegando o conceito gramatical a um segundo plano. Essa conduta assinala a confusão conceitual dos alunos em torno do tema gênero. Biderman (1974) e Câmara Jr. (1980, 1984, 2000), consideram que essa confusão se deve ao fato de que as noções semânticas podem ser consideradas “naturais”, pois são construídas desde a gênese da categoria de gênero e, apesar de atualmente se constituírem critérios limitados, ainda continuam fortes e presentes na abordagem do tema na escola.

Podemos afirmar a existência de confusão conceitual em três das séries investigadas (4^a, 6^a e 8^a séries), uma vez que as respostas dos alunos da 2^a série podem ser consideradas esperadas para o nível escolar em que se encontram. Nesse período, o aluno encontra-se na fase inicial de construção de hipóteses sobre o gênero das palavras. Contudo, a predominância do uso de conceitos semânticos entre os

alunos das séries mais avançadas mostra que, no decorrer do processo escolar, praticamente não houve progresso conceitual nessa área de conhecimento, mesmo após os alunos terem passado por todas as séries do ensino fundamental.

Nessas séries, o uso do conceito semântico sugere duas hipóteses explicativas: os conhecimentos prévios dos alunos estariam persistindo em face do escolar ou os alunos estariam utilizando conhecimentos algorítmicos gramaticais. Nessa segunda possibilidade os alunos estariam fornecendo respostas repetidas e fixadas a partir de certos livros didáticos e gramáticas que continuam utilizando o conceito semântico como referência para o conceito gramatical de gênero.

Conforme a primeira possibilidade, os alunos não teriam se beneficiado do processo de escolarização cuja função é a ampliação de seu repertório conceitual. Desse modo, esperaríamos que durante o ensino fundamental ocorressem modificações em seus conhecimentos sobre gênero. Becker (2001) pontua que quanto maior o domínio de um conceito, maior a capacidade do sujeito em diferenciá-lo de outros. Ao diferenciar os objetos de conhecimento, o indivíduo gradualmente vai se tornando capaz de estabelecer afirmações e negações sobre ele. O domínio do conceito de gênero gramatical, por conseguinte, permitiria ao aluno a distinção deste com o conceito de sexo dos seres que, embora semelhantes, distinguem-se em nível conceitual.

Os resultados obtidos nesta pesquisa evidenciam a relevância de que o ensino de língua portuguesa desenvolva a capacidade de reflexão e interação dos alunos. Somente esse tipo de atividade é capaz de promover a ativação e a transformação dos conhecimentos prévios em conceitos formais e, dessa forma, construir uma aprendizagem condizente com as necessidades dos alunos, uma aprendizagem significativa.

REFERÊNCIAS

ARNAY, J. Reflexões para um debate sobre a construção do conhecimento na escola: rumo a uma cultura científica escolar. In: RODRIGO, J. M.; ARNAY, J. *Conhecimento cotidiano, escolar e científico: representação e mudança*. 2ª edição. São Paulo: Ática, 1999.

BECKER, F. *Educação e construção do conhecimento*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BIDERMAN, M.T.C. *A categoria do gênero*. Tese apresentada ao concurso de livre-docência na disciplina de Filologia Românica – Unicamp – Universidade de São Paulo. Campinas/SP, 1974.

CALSA, G.C. *Mudanças conceituais na aprendizagem escolar: possibilidades e limites da teoria construtivista*. Projeto de Pesquisa, processo 378/2004 PPG-UEM. Maringá, 2004.

CÂMARA JUNIOR, J. M. *Princípios de lingüística geral: como introdução aos estudos superiores de língua portuguesa*. 6. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1980.

_____. *Dicionário de lingüística e gramática*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1984a, p.70-71.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1984b.

_____. *Problemas de lingüística descritiva*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

COLL, C. *Os conteúdos na reforma: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes*. Porto Alegre: Saraiva, 1998.

_____. *Aprendizagem escolar e construção do conhecimento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____; MARTÍN, E.; MAURI, T.; MIRAS, M.; ONRUBIA, J.; SOLÉ, I.; ZABALA, A. *O construtivismo na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1999.

INEP/INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. Informe de resultados do SAEB 1995, 1997 e 1999. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2002 e 2004.

MIRAS, M. Um ponto de partida para a aprendizagem de novos conteúdos: os conhecimentos prévios. In: COLL, C.; MARTÍN, E.; MAURI, T.; MIRAS, M.; ONRUBIA, J.; SOLÉ, I.; ZABALA, A. (Org.). *O construtivismo na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1999.

MORTIMER, E.F. Construtivismo, mudança conceitual e ensino de ciências: para onde vamos? *Investigações em ensino de Ciências*. Porto Alegre, v.1, n.1, 1996. Disponível em : <<http://www.if.ufrgs.br/public/ensino/n.1/2artigo.htm>>. Acesso em: 06 jun.2004.

OLIVEIRA, M.B. de. A tradição roschiana. In: OLIVEIRA, M.B. de; OLIVEIRA, M.K. de (Org.). *Investigações Cognitivas: Conceitos, Linguagem e Cultura*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

TRAVAGLIA, L.C. *Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º. e 2º. graus*. São Paulo: Cortez, 1996.

[Recebido em dezembro de 2005
e aceito para publicação em maio de 2006]

Title: *Semantic predominance in the gender definitions of Junior High School students*

Abstract: *Grammatical gender is an extremely complex and specific noun category which in Portuguese divides the nouns in masculine and feminine. Current research is a section of a wider study that investigates how the teaching of gender occurs in the Junior High School and thus intends to analyze students' gender concepts. Sixteen students, four from each stage (2nd, 4th, 6th and 8th forms of the Brazilian school system), from two public government school in Maringá County, in southern Brazil, were the subjects of the research. Different tests and individual interviews were applied to the students to analyze how the concept of grammatical gender is understood. Results show that in all forms students tend to use the semantic concept as predominant to the detriment of the grammatical one. Confusion in the gender/sex concept exists at the above teaching stages.*

Key-words: *education; gender category; concepts.*